

CULTURA E HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRAS E FORMAÇÃO CONTINUADA NO IF BAIANO - CAMPUS URUÇUCA

Carlos Alberto Machado Noronha* Doutor em História. IF Baiano - Campus Uruçuca. E-mail: calhis2@yahoo.com.br

* Autor correspondente

INTRODUÇÃO

A busca pela inserção da história e da cultura afro-brasileiras nas minhas aulas tem sido uma constante na trajetória como docente de História. Desde 2007, quando iniciei a minha trajetória docente em escolas públicas e meu mestrado em História na Universidade Estadual de Feira de Santana, a preocupação com o acesso às informações sobre o passado da população negra no Brasil me levou a profundas reflexões. Durante a minha passagem pela rede estadual de ensino da Bahia (2010-2015), tive uma oportunidade maior de discutir a temática com discentes dos Ensinos Fundamental II, Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como notar o desconhecimento de muitos docentes em relação à educação para as relações étnico-raciais.

Já no doutorado, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (2015-2019), aprofundi meus estudos sobre o escritor negro Lima Barreto, o que me possibilitou acesso a mais conteúdos relacionados à história afro-brasileira. Isso foi potencializado ao iniciar minhas atividades no Campus Uruçuca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano em 2015, no qual passei a participar do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI).

Outra experiência no IF Baiano, que me estimulou ainda mais a pensar sobre a elaboração de uma atividade acadêmica voltada para a discussão da história e cultura afro-brasileiras, foi a atuação como docente no curso Tecnólogo em Gestão de Turismo com o componente curricular Patrimônio Cultural, História e Turismo. À frente desse componente curricular, realizei um seminário sobre patrimônios afro-brasileiros e turismo na Bahia no ano de 2016. Nesse evento, além da apresentação dos estudos realizados pelos discentes do III semestre do curso sobre a temática, convidei as professoras Renata Coppieters Oliveira de Carvalho (UNEB - Campus Eunápolis) e Rosemary de Jesus Santos (Rede Municipal de Ensino de Araçás-BA).

A primeira apresentou uma discussão sobre o conceito de turismo étnico e a forma como vem sendo executada a atividade turística no estado da Bahia em territórios de comunidades negras. A segunda professora versou sobre os resultados de sua pesquisa com famílias negras e seu culto doméstico ao santo Antônio num bairro do município de Alagoinhas-BA. Ao final, o público percebeu o quanto ainda se precisa avançar para que os patrimônios afro-brasileiros sejam valorizados no estado da Bahia e inseridos nas visitas dos turistas.

A necessidade de conhecer mais a forma como se dava a divulgação e o ensino da cultura e da história afro-brasileiras no sul baiano só crescia com essas experiências. Algo que foi ainda mais estimulado com a orientação de um TCC na especialização em Educação Científica e Cidadania, também ofertada no Campus Uruçuca. Esse trabalho teve como objetivo analisar a aplicação da Lei 10639/03, a qual alterou a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas do ensino fundamental e médio, no Colégio Estadual Octacílio Manoel Gomes do município de Ubaitada-BA.

A autora do TCC percebeu que a temática não era abordada efetivamente durante o ano letivo, ocupando um lugar menor no currículo. Ficou evidente, nesse estudo, que os docentes necessitavam de uma formação continuada que os orientassem na elaboração e execução de atividades pedagógicas relacionadas à temática, bem como valorizassem a diversidade cultural da unidade escolar (TEIXEIRA, 2018).

A ideia de ofertar um curso que tivesse como objetivo discutir o ensino de história e cultura afro-brasileiras foi amadurecendo e a oportunidade para sua proposição veio no ano 2019 quando foi publicado o edital de oferta de curso de formação inicial e continuada (FIC). Submeti, então, a proposta de um curso de formação continuada que foi aprovada com o seguinte título: Ensino e divulgação da cultura e da história afro-brasileiras: caminhos e perspectivas para a luta antirracista.

O curso teve como público-alvo educadores, produtores e ativistas culturais, turismólogos, guias de turismo, graduandos em licenciaturas e Turismo, técnicos administrativos e outros servidores do IF Baiano. A indicação desse público se justificou pelo desejo de lidar com a formação de grupos socioprofissionais que estão em constante diálogo com diversas camadas sociais por meio de sua atuação em ambientes escolares, espaços de educação popular, eventos culturais e num dos segmentos que movimentam a economia do sul baiano, que é o turismo. Além disso, como os cursos de formação continuada do IF Baiano possibilitam o diálogo entre comunidade interna do seus campi e a comunidade externa, vi num curso voltado para discussões teóricas e práticas de ensino e pesquisa, as quais estimulassem o conhecimento, valorização e divulgação da história e cultura afro-brasileiras, uma oportunidade para capacitação também dos servidores do próprio instituto na identificação de práticas racistas e no seu combate.

Apesar de alguns avanços na implementação da Lei 10.639/03 nas instituições educacionais, inclusive no ensino superior, o seu espaço no currículo escolar ainda é bem menor se comparado ao reservado para elementos da cultura e história de povos europeus - e isso até na formação docente -, refletindo o preconceito e a discriminação racial presente na sociedade brasileira (GOMES, 2014; 2017).

As constantes manifestações do racismo nessa sociedade, apresentadas em noticiários e relatadas por mulheres, crianças e homens negros, bem como os maiores índices sociais de desemprego, mortes violentas, baixas escolaridade e renda para a população negra, representam a permanência da desigualdade social e racial entre brancos e negros no Brasil. O fomento de cursos que aprofundem, portanto, o estudo da cultura e história afro-brasileiras, valorizando a participação dos afrodescendentes na formação do povo brasileiro, e complementem a formação de docentes e outros profissionais que lidam com produção cultural (espetáculos de arte, criação de memoriais, organização e coordenação de festejos) e divulgação de patrimônios culturais por meio da atividade turística, é uma das possibilidades de promoção de práticas antirracistas.

Desse modo, traçamos como objetivos desse curso:

- Discutir a importância da aplicação e difusão da Lei 10.639/03;
- Problematicar questões identitárias como ancestralidade e resistência cultural;
- Apresentar, analisar e estimular o uso de metodologias de pesquisa que permitam aos educandos reconhecer e valorizar patrimônios culturais afro-brasileiros, intervindo no ambiente profissional em que atua;
- Compreender os vínculos históricos, políticos e culturais entre os negros brasileiros, a ancestralidade africana e o continente africano na contemporaneidade;
- Combater práticas racistas dentro e fora do ambiente escolar;
- Identificar manifestações da cultura afro-brasileira.

Para atingir esses objetivos, organizei o curso em quatro módulos, os quais serão descritos a seguir, bem como as metodologias que adotei a fim de estimular e capacitar os cursistas a desenvolverem estratégias de atuação nos seus locais de trabalho e estudo voltadas para a valorização da cultura e da história afro-brasileiras e combate ao racismo.

DESENVOLVIMENTO

O curso teve carga horária de 24 horas, distribuídas em encontros quinzenais aos sábados com duração de 4 horas. O primeiro módulo, intitulado "O estudo das relações étnico-raciais no Brasil: importância e desafios", teve início no dia 17 de agosto de 2019 com a presença de 21 dos 23 matriculados no curso (foram ofertadas 30 vagas). O objetivo principal desse módulo inicial foi situar os discentes acerca das discussões sobre a questão racial no país, favorecendo a identificação da permanência do racismo na nossa sociedade e suas diversas formas de manifestação. Fiz uma dinâmica para que os alunos se apresentassem e falassem de suas expectativas e/ou relação com a temática do curso, bem como poderiam contribuir para o seu andamento. Essa dinâmica foi fundamentada nos princípios da filosofia africana Ubuntu ("eu sou porque nós somos"). Por esse pensamento, as pessoas são valiosas por si mesmas, ou seja, todas são úteis à sociedade e, como tal, são agentes que podem e devem afetar a sociedade em que vivem. Elas são assim, justamente, pela relação intrínseca e imprescritível que têm com as outras (KASHINDI, 2014).

Desse modo, sentados em círculo, cada discente se apresentou e relatou como tinha sido até o momento sua relação com a temática. Ao terminar, dava à mão ao colega do seu lado esquerdo, formando ao final uma grande corrente, representando a contribuição e o compromisso de cada um na formação do grupo. Em seguida, promovi uma discussão sobre relações étnico-raciais no Brasil, utilizando como recurso a música do sambista Jorge Aragão *Identidade*.

A discussão teve continuidade com a participação dos cursistas relacionando suas experiências com o sentido da música e o pensamento de autores negros contemporâneos que analisam o racismo estrutural, o preconceito e a discriminação racial e o racismo recreativo. Os principais autores discutidos nesse primeiro módulo foram Munanga (1999), Adilson Moreira (2018), Sílvio Almeida (2018), Nilma Gomes (2017), Gevonilda Santos (2009) e Neuza Souza (1983). Além de trechos de obras desses autores, utilizei também a apresentação de vídeos que ainda mais evidenciavam as diversas formas de manifestação do racismo no Brasil e iniciativas do movimento negro em prol de seu combate e apoio às vítimas das práticas racistas.

Já no segundo módulo, distribuído em dois encontros de 4 horas, a temática foi a apresentação e a discussão de perspectivas sobre a história

do negro no Brasil. Como essa temática é muito diversa e já havia enviado arquivos em formato PDF para o grupo de WhatsApp da turma com obras que a abordam, fiz um recorte para o primeiro encontro. O objetivo foi abordar temas considerados controversos como a escravidão na África antes da colonização, a diversidade dos quilombos, bem como iniciar os discentes no pensamento de autores cuja trajetória acadêmica e/ou militante contribuiu para um maior conhecimento do passado do negro no Brasil, especialmente sobre a sua resistência ao longo do tempo.

A fim de introduzir essa discussão, assim como no módulo anterior, utilizei-me da música. Dessa vez, como queria trabalhar a intencionalidade da escrita da história e sua importância tanto para dar visibilidade a certos grupos étnico-raciais quanto promover o apagamento de suas memórias, apresentei e discuti com os discentes a canção *Palmarens 1999* da banda brasileira Natiruts. Ao longo desse encontro, quando foi abordado a diversidade dos quilombos no Brasil e a sua historiografia, novamente recorri a outro recurso audiovisual: trechos do filme *Quilombo* (1984), dirigido por Cacá Diegues.

Logo em seguida, já discutindo sobre como as teorias racialistas da virada do século XIX para o XX favoreceram uma representação histórica negativa do negro no Brasil, apresentei, como resistência a essa abordagem e uma oportunidade para introduzir mais um pensamento de um intelectual negro, alguns trechos escritos pelo estudioso baiano Manuel Querino¹ nos quais o negro aparece como produtor de cultura e com grande contribuição para a formação da nação brasileira.

¹ QUERINO, Manuel. *Costumes africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

Essa primeira parte do segundo módulo em destaque, ministrado no dia 31 de agosto de 2019, também teve como conteúdo a trajetória de Abdias Nascimento, a partir da qual pude enveredar com os discentes por diversos momentos da resistência da cultura negra no Brasil no século XX. Para esse momento, em que os discentes já se mostravam surpresos diante do quanto da história do negro não lhes havia chegado durante a educação básica e no nível superior, foi exibido um vídeo com entrevistas de atores e atrizes que haviam atuado com Abdias Nascimento durante o Teatro Experimental do Negro (TEN), fomentando mais discussões sobre o espaço que se permitiam à população negra na produção cultural brasileira e a necessidade de sua maior divulgação.

A segunda parte desse módulo, ocorrida em 14 de setembro, teve como foco a importância da oralidade para as comunidades negras e como a metodologia da história oral poderia fomentar a pesquisa e o ensino da história dos negros no Brasil. Após uma breve discussão sobre a tradição oral africana e seu papel de transmissão de conhecimentos entre os africanos e populações afrodiáspóricas, realizei uma oficina sobre o uso pedagógico da história oral. Essa foi dividida em dois momentos. No momento inicial, foram apresentados os fundamentos, os gêneros da história oral, técnicas de entrevistas e suas transcrições, bem como seu arquivamento e usos.

Após isso, discuti como essa metodologia poderia ser aplicada na sala de aula em projetos que envolvessem vários componentes curriculares e em estudos que visassem dar visibilidade às comunidades quilombolas, preservando suas memórias. A oficina, no seu último momento, assumiu o formato de uma aula prática que consistiu na divisão da turma em três equipes, sendo que cada uma delas entrevistaria um membro de outra equipe. Numa discussão com a turma, foi definido que a entre-

vista seria temática acerca da relação do entrevistado com a cultura e história afro-brasileiras. O módulo foi finalizado com a discussão sobre a experiência de realizar entrevistas, focando nas dificuldades e aplicação das técnicas apresentadas no momento anterior da oficina.

O terceiro módulo, por sua vez, foi dedicado ao estudo da literatura afro-brasileira feminina. Selecionei três obras de autoras negras publicadas em diferentes temporalidades a fim de promover uma discussão com os cursistas em torno dos efeitos da permanência do machismo e do racismo nas vidas das mulheres negras, bem como a importância para essas pessoas do ato de escrever sobre suas experiências e se afirmar enquanto produtoras de conhecimento. Desse modo, intitulei o módulo, ministrado no dia 28 de setembro, de "As escritoras: a literatura afro-brasileira feminina". As obras discutidas foram Úrsula (1859) de Maria Firmina dos Reis, Quarto de Despejo (1960) de Carolina Maria de Jesus e Becos da Memória (2006) de Conceição Evaristo.

Como introdução, apresentei uma breve trajetória dos conceitos literatura afro-brasileira e escritora, possibilitando aos discentes a compreensão dos critérios utilizados para identificar uma escrita afro-brasileira e a importância dos escritos de autoras negras para a produção de memórias sobre as comunidades negras no Brasil. Em seguida, as discussões foram das obras acima elencadas, as quais foram conduzidas por meio da leitura coletiva de alguns trechos acompanhada da contextualização de sua produção, recepção e da trajetória de vida de suas autoras.

O último módulo versou sobre a relação entre atividade turística, educação histórica e patrimônios culturais afro-brasileiros. Desdobrou-se em dois encontros realizados nos dias 19 de outubro e 09 de novembro e, diferentemente dos anteriores, contou com a presença de convidados externos. No primeiro encontro, trabalhei com a turma algumas especificidades da atividade turística e como essa pode colaborar para divulgar o conhecimento histórico relativo à contribuição do povo na formação cultural brasileira.

Ainda no dia 19 de outubro, em parceria com as professoras de Cultura Popular, Luísa Reis, e de Turismo, Larissa Boing, foi organizada uma roda de conversa com os convidados externos do distrito de Serra Grande, pertencente ao município de Uruçuca. Nessa roda, os estudantes do curso de formação continuada, juntamente com os do 2º ano técnico integrado em Guia de Turismo e do Tecnólogo em Gestão de Turismo, puderam conhecer um pouco mais sobre saberes populares. Eles tiveram a oportunidade de conversar sobre as atividades realizadas pelas marisqueiras Dona Mirta, erveira e parteira Dona Val e o jangadeiro Coió.

Já no dia 09 de novembro, o nosso último encontro tratou da forma como os museus no Brasil vêm abordando os patrimônios culturais afro-brasileiros. Nesse momento, também apresentei museus voltados para a cultura afro-brasileira, bem como alguns processos de tombamento que levaram terreiros de candomblé a serem reconhecidos, oficialmente, como patrimônios. Para esse encontro, no plano de curso submetido, estava previsto uma visita técnica ao Memorial Unzô Tombenci Neto em Ilhéus, mas como o Campus passava ainda pelo momento de corte de verbas imposto pelo governo federal, eu fui obrigado a declinar dessa atividade, uma vez que não tive à disposição o ônibus do Campus para levar os discentes ao citado museu.

Como atividade substituta, convidei o discente da Especialização em Educação Científica e Cidadania do Campus Uruçuca, Eudes Batista, para apresentar o seu trabalho, desenvolvido no Mestrado em Relações

Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Campus Jequié, sobre a Festa N'Aruanda no Ilê Axé Orussalê do município de Gongogi-BA. Após essa apresentação e intervenção dos discentes, encerramos o curso com uma breve explanação de alguns deles acerca de sua experiência nesses encontros iniciados no mês de agosto.

Para o processo avaliativo, considerei como critérios a assiduidade, a pontualidade, a participação nas discussões em sala de aula e a entrega (individualmente ou em grupo) de um diário de bordo de dois dos quatro módulos no qual relatam os conteúdos abordados, a metodologia empregada e suas considerações acerca da importância do que foi estudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas dificuldades já se apresentaram ainda na elaboração da proposta do curso. Uma delas foi conseguir mais docentes para ministrar aulas. O tema do curso necessita de uma abordagem interdisciplinar, mas as atividades destinadas aos docentes no IF Baiano não favorecem uma maior participação num curso dessa natureza. A carga horária em sala de aula, o envolvimento e/ou a busca por capacitação em programas de pós-graduação e em comissões são algumas das atividades que lhes deixam com pouca disponibilidade para mais esse compromisso profissional. Desse modo, apenas eu fiquei como proponente e docente, o que foi muito trabalhoso e não pude avançar em certos conteúdos previstos no plano de curso ou até ampliar a quantidade de módulos.

Outra dificuldade foi com a reprodução de material escrito para os alunos e visita técnica. O corte de recursos na instituição inviabilizou a confecção de módulos com textos para os cursistas e a visita técnica ao Memorial Unzô Tombenci Neto, prevista no plano do curso. Apesar disso, o curso teve 19 concluintes do total de 23 inscritos. Os motivos para a evasão só foram apontados por uma das matriculadas, os quais estavam relacionados às dificuldades com transporte de sua residência - Serra Grande - para o Campus Uruçuca. Esse público de 19 concluintes foi composto por educadores da rede pública (municipal e estadual) de Uruçuca, Itajuípe e Maraú, estudantes de graduação da UESC e UFESB na categoria licenciatura, dois graduandos do tecnológico superior do IF Baiano (Gestão de Turismo e Agroecologia) e um docente do IF Baiano - Campus Uruçuca. Suas experiências em sala de aula, tanto como docentes quanto discentes, e participação de alguns deles em movimentos sociais, colaboraram muito para as discussões promovidas ao longo do curso.

Com essa participação ativa dos discentes, pude perceber como a temática do curso, apesar de sua importância, ainda não é levada a sério nos currículos escolares de outras instituições de ensino nos municípios citados acima. Os discentes apresentaram identificação com a temática e aprovaram, por meio da produção de diários de bordo e mensagens no grupo de whatsapp, a metodologia do curso e alguns até me notificaram que o indicaram para outros colegas. Alguns cursistas repensaram sua prática profissional e rememoram experiências com o racismo e sua ancestralidade. Além disso, destaco o retorno dos cursistas ao narrarem como estão organizando discussões sobre a consciência negra nos espaços em que atuam e a troca de referências bibliográficas entre mim e eles. Outro fruto dessa experiência foi conhecer estudantes de licenciatura que buscavam tratar dessa temática nos seus cursos e na comunidade em que vivem. Isso fez com que, enquanto coordenador do NEABI, ao organizar a programação do novembro negro do Campus, juntamente com os demais membros do núcleo, convidasse uma das

cursistas, discente de Ciências Sociais da UESC e destaque nas discussões do curso FIC, para compor uma roda de conversa sobre feminismo negro, realizada no dia 20/11/2019 no pátio do bloco de salas de aula dos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Profissionalmente, foi uma vivência que colaborou para meu amadurecimento em relação ao estudo da temática cultura e história afro-brasileiras, bem como me permitiu conhecer um pouco mais a realidade educacional do entorno do IF Baiano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018, 203p.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017, 154p..

KASHINDI, Jean Bosco Kakozi. **Ubuntu: filosofia africana confronta poder autodestrutivo do pensamento ocidental.** Entrevista concedida a Ricardo Machado. Disponível em: www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-confronta-poder-autodestrutivo-do-pensamento-ocidental-avalia-filosofo/. Acesso: 20 dez. 2019.

MOREIRA, Adilson. **O que é racismo recreativo?** Belo Horizonte: Letramento, 2018, 164p.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 1999, 140p.

QUERINO, Manuel. **Costumes africanos no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938., 351p.

SANTOS, Gevanilda. **Relações raciais e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2009, 94p.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983 (Coleção Tendências, Vol. 4), 88p.

TEIXEIRA, Caroline Santos. **Lei 10.639/03: conflitos e obstáculos para sua aplicação no Colégio Estadual Octacílio Manoel Gomes em Ubaitaba- BA.** Orientador: Carlos Alberto Machado Noronha. 2018. 27 f. Monografia (Especialização em Educação Científica e Cidadania). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Uruçuca, 2018.